

budista e a filosofia da Escola de Kyoto, que atualmente se voltou mais para os textos clássicos do cânone budista. Essa atividade conjunta tem nos gratificado profundamente pela intensidade deste difícil confronto filosófico intercultural, pelo envolvimento existencial oriundo dos temas budistas e do seu diálogo com a mística cristã, no exemplo de mestre Eckhart, e também com Schopenhauer e Nietzsche, sempre trazidos pertinentemente à baila pelo Oswaldo – e, sobretudo, pela amizade que vai se tecendo subterraneamente entre nós, até pela solidariedade proveniente de nossa comum indigência diante da complexidade de tão portentosas tradições de pensamento e de ação. Espero que possamos cultivar e aprofundar em amizade por muito tempo e expandir para outras dimensões da vida essa atenção cuidadosa e essa polivalência espiritual que o pensamento vivo e a atuação institucional e pessoal do Oswaldo nos trazem e testemunham.

Parte II – *Reflexões sobre história da filosofia*

Zeljko Loparic

Não vou me deter na evocação da figura de Oswaldo como profissional na área de filosofia. Depois de ter adquirido uma formação sólida em filosofia, passando por Berlim, onde estudou com Müller-Lauter, atuou como docente em várias universidades brasileiras até ser contratado pelo Departamento de Filosofia da Unicamp, por sugestão inicial de Marcos Lutz-Müller prontamente aceita pelos colegas. Foi na Unicamp que Oswaldo desenvolveu seu pleno potencial como profissional, tornando-se um dos professores (e orientadores) mais apreciados pelos alunos, além de um articulador das políticas do Departamento, ocupando cargos da maior expressão em diferentes níveis. O valor das suas contribuições, tanto teóricas quanto práticas, foi logo percebido pela comunidade filosófica brasileira, que passou a chamá-lo para participar das mais diversas tarefas, tanto locais como as desenvolvidas em âmbito nacional.

Como não podia deixar de acontecer, essas mesmas qualidades fizeram de Oswaldo um participante apreciado de vários grupos de filosofia em outros países. Mas não é desse profissional exemplar na área de filosofia que quero falar aqui, mas do Oswaldo, meu amigo e interlocutor privilegiado.

Era inevitável que a nossa troca de ideias se iniciasse em torno de Nietzsche. Ao entrar na Unicamp, Oswaldo já era um reconhecido e, como logo descobri com muita satisfação, apaixonado estudioso do filósofo alemão. Eu estava tomado por interesses não menos pessoais pela leitura de Heidegger, incluindo a crítica heideggeriana da metafísica nietzschiana da vontade do poder. Oswaldo não aceitava as teses de Heidegger, em parte por motivos técnicos, alguns dos quais ele desenvolveu com base em suas discussões com Müller-Lauter. Esse objetava a Heidegger ter hipostasiado a vontade nietzschiana de poder, fazendo dela uma entidade à parte e não, como queria Nietzsche, um traço da essência das coisas individuais. Não concordei com essa oposição, pois, para Heidegger, a vontade de poder não é uma entidade, mas o sentido do ser dos entes como tais no todo. Para minha surpresa, Oswaldo, ao invés de se fechar ou se afastar de mim, sugeriu-me escrever e publicar esse assunto. Escrevi sobre isso, mas até agora nada publiquei. O que mais ficou para mim foi o fato de ter encontrado alguém existencialmente envolvido pela filosofia e que, mesmo assim, valorizava o debate filosófico mais do que acordos teóricos. A nossa amizade estava começando.

Outro motivo de desacordo de Oswaldo com Heidegger era o fato de ele entender, naquela época ainda mais intuitivamente do que conceitualmente, que a leitura heideggeriana de Nietzsche, no interior da história da metafísica concebida como história do Ser, não dava conta do Nietzsche “psicólogo”, testemunho atormentado da condição humana na época da privação.

Sobre esse ponto eu estava inclinado a concordar. Primeiro, porque não pensava que a privação que ameaça o homem moderno era decorrência do abandono do homem pelo Ser, que assumiria a forma da téc-

nica moderna. Segundo, porque via no tormento de Nietzsche, que passa a sua obra, elementos de luto religioso do filho de pastor protestante pela morte do Deus dos filósofos anunciada por Kant. A teoria nietzschiana da vontade de poder parecia-me uma tentativa desesperada de negar a nossa finitude – e, em particular, de abandonar a ideia de onipotência projetada pela metafísica tradicional no Deus do monoteísmo ocidental –, empreendida pelo fracasso de Nietzsche em descobrir o que faz com que a vida humana, mesmo sem qualquer suspensório metafísico, valha a pena ser vivida. Sabemos que a resposta a essa pergunta estava amadurecendo desde a antropologia de Kant.

Esses são alguns elementos do horizonte teórico no qual iniciei, nos anos 1980, com Oswaldo, Marcos Müller e alguns alunos de pós-graduação da Unicamp, um seminário particular mensal sobre a desconstrução heideggeriana da metafísica, que era realizado à noite, no meu apartamento no bairro de Perdizes. Esquecendo a divergência sobre Nietzsche, Oswaldo mergulhava em Heidegger de um modo que eu mesmo hesitava em fazer. Via Marcos, meu colega em estudos kantianos da época de Freiburg (em 1965/66), disposto a meditar sobre a história da filosofia, seguindo um filão estranho para um estudioso de Hegel, que, além disso, passou por Sartre e Marx. Recordo desses encontros como alguns dos mais frutíferos e amistosos – uma vez ou outra, uma garrafa de vinho contribuía para tornar ainda mais sensível a comunhão entre nós – de toda a minha vida intelectual.

Nesses seminários, no qual compartilhávamos o nosso encanto por Heidegger, começaram a aparecer também as divergências que nos ocupam até hoje e que, para mim, são tão significativas quanto os nossos acordos. Elas diziam respeito, em primeiro lugar, ao diagnóstico de Heidegger da origem da privação ameaçadora e, em segundo lugar, à defesa contra essa ameaça. Pelo menos para mim, esses desacordos ficaram claros apenas no decorrer do tempo.

Desde o tempo de estudante de filosofia em Louvain e de matemática em Paris, nos anos 1960, comecei a duvidar da tese de Heidegger de

que o saber tecnológico, que diz como fazer as coisas, era baseado no saber o que são as coisas. Com o tempo, ficou cada vez mais claro pra mim que o objeto e, mais precisamente ainda, o objetivo da primeira forma do saber, específico da ciência – em particular da rainha das ciências, a matemática – e da tecnologia, não eram as coisas elas mesmas, mas os procedimentos de determinação, em especial, da medição das coisas, e, portanto, o asseguramento da eficácia desses procedimentos e das capacidades dos executores humanos desses procedimentos. Esse objetivo não podia ser alcançado dizendo o verdadeiro e agindo segundo a natureza, ouvindo sua voz – conforme o conselho de Heráclito, um dos pré-socráticos estimados por Heidegger –, mas fazendo cálculos e medições, e agindo segundo os resultados assim obtidos – por exemplo, na produção e utilização de instrumentos musicais –, como propunha Pitágoras, um pré-socrático mais antigo e execrado por Heráclito, que, contudo, caiu nas graças da filosofia moderna e continua valorizado como patrono incontestável do saber positivo dos nossos dias.

Esse tipo de saber era, sem dúvida, diferente do saber mais primitivo e inicial na vida dos indivíduos e dos grupos humanos, mas nem por isso menos fundamental. Decorria das necessidades básicas do animal humano tomado na totalidade das suas etapas maturacionais, como acabei percebendo mais recentemente, com a ajuda de Winnicott e Heisenberg. Outra coisa ficou cada vez mais clara para mim: a metafísica não era a fonte, mas, antes, desde o início, o empecilho para o desenvolvimento desse tipo de saber.

De acordo com Heidegger, não há nada que possamos fazer contra o perigo extremo da técnica, a não ser nos preparar e aguardar uma nova época do Ser. Sendo assim, embora tenha chamado mais do que ninguém a nossa atenção para as consequências da objetificação do mundo e do ser humano, Heidegger não pode ser usado para estudar a origem desse processo nem para indicar os modos de fazer dele um uso humano. Os nossos seminários sobre Heidegger terminaram assim, numa espécie de aporia.

Em 2005, a convite da Fundação Japão de São Paulo, decidi organizar uma série de seminários sobre o pensamento oriental. Falei desse projeto com Oswaldo, Marcos e José Carlos Michelazzo e, para minha grande surpresa, eles se mostraram muito interessados em participar. Durante três anos, com vários outros participantes, ocupamos uma sala na Fundação Japão, no início da Avenida Paulista, fazendo reuniões mensais e, em seguida, transferimos as reuniões para a sede da Sociedade Winnicott, no coração de Perdizes. O tema inicial foi a recepção de Heidegger pela Escola de Kyoto, tendo em vista, em particular, o projeto heideggeriano do ultrapassamento da metafísica. A questão-guia era a de saber se o pensamento filosófico japonês, em particular o inspirado pela tradição zen-budista, poderia dar subsídios para a realização desse projeto. Num certo sentido, eu já sabia a resposta. Era não. A tradição zen-budista era, ela própria, permeada de elementos metafísicos, como foi mostrado de modo convincente já nos anos 1980 por S. Matsumoto e N. Hakamaya, representantes principais do assim chamado budismo crítico.

Durante a minha estada em Kyoto, no inverno japonês de 1997/98, cheguei à mesma conclusão de modo independente. Ao retomar a esse tema nos seminários, alguns anos depois, em São Paulo, estava movido pela questão de como conseguir dar uma formulação satisfatória a esse resultado, para muitos, surpreendente. A dinâmica do grupo tomou, contudo, outros rumos, de modo que, num certo sentido, o objetivo inicial passou para segundo plano. O interesse de todos, inclusive o meu, concentrou-se na leitura de textos clássicos da Escola de Kyoto (Nishida, Hisamatsu) e, em seguida, de clássicos do budismo zen (Lin Chi e, depois, Dogen) e de místicos ocidentais (Meister Eckhart).

Todos ficamos, creio eu, tomados de surpresa ao constatar os paralelos entre esses autores e certos pensadores ocidentais, entre eles Kant, que ficou a meu cargo, Hegel, que nos foi evocado por Marcos, e Schopenhauer e Nietzsche, trazidos para discussão por Oswaldo. Ficamos imersos no que sabíamos fazer: leitura de textos, deixando-nos fascinar pela arquitetura interna desses. Um dos participantes, Cassiano Sydow,

praticante do budismo Theravada, era o único a nos lembrar com a devida força e propriedade que, no budismo, o objetivo principal do pensar é facilitar a prática e que, para tanto, os exercícios sofisticados que estávamos realizando eram ociosos.

A produção dos seminários foi notável. Realizamos, de 2006 a 2011, seis colóquios anuais sobre o pensamento japonês e publicamos coletâneas de artigos, além de artigos avulsos. O grupo induziu a organização, em várias universidades, de atividades sobre o tema “Heidegger e o pensamento oriental”. Em 2010, Oswaldo, Marcos e eu fomos convidados para compor uma mesa plenária da ANPOF e falar sobre “Tradição e modernidade no pensamento japonês”. Nesse momento, contudo, nós já falávamos de coisas muito diferentes. Oswaldo e Marcos continuavam a explorar as possibilidades de encontro entre os autores orientais e os autores ocidentais, que eles dominavam como ninguém. Eu ia numa outra direção: despedia-me desse tipo de debate que, por enriquecedor que fosse, não contribuía mais para achar respostas às questões que me ocupavam e continuam ocupando. Em 2012, afastei-me do grupo sobre o pensamento japonês.

Olhando para trás, vejo que foi na companhia lúcida de Oswaldo que fiz um dos mais importantes percursos da minha vida filosófica nessas últimas décadas, aquele que me permitiu a apropriação íntima do pensamento de Heidegger no seu todo e, exatamente por isso, o afastamento devidamente articulado de várias das teses básicas deste autor. Tenho a impressão, baseado nas publicações sucessivas de Oswaldo, que ele chegou ao resultado inverso em relação a Heidegger. Isso costuma acontecer quando o questionamento é conduzido de maneira radical. Nisso, estou certo, continuo na companhia de Oswaldo.

Salma Tannus Muchail

O Prof. Oswaldo Giacoia Júnior e eu nos conhecemos desde a época em que ele cursou a graduação e o mestrado em Filosofia na PUC-SP, quando tive o privilégio de ser sua professora. Mais tarde, fomos colegas,